

Notícias de Guimarães

Ano 16.º N.º 828
GUIMARÃES, 14 de Dezembro-1947
Red. e Adm., R. da Rainha, 66-A. Tel. 4919
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Ronda dos Mortos **Psicologia das cores** PORTUGAL

III

Na minha itinerante marcha sobre a Vida, volto meu olhar para trás. Afigura-se-me já longa a caminhada. Do polo da infância à velhice vai um mundo de recordações. Como um sonâmbulo em noite escura, tateio o chão da minha rua antiga. Estrupio às portas. Silêncio. As casas, sepulchros da vida, não se abrem. As presas do meu velho conhecimento já não moram ali. Foram há muito levadas a enterrar. Seu habitáculo é a cova. Contudo, lembranças e sensações andam-me a chocar cá dentro. Recordo os meus vizinhos; os habitantes da minha rua; tantissimos que por ela deambularam.

Interrogo as casas de órbitas cerradas; as pedras da calçada. Uma luzinha se faz em meu cérebro. E quanto mais eu fixo esse ponto luminoso, mais se me espaventa a memória. E' que, o Passado, não é tão passado, que o não veja presente.

Uma casa de esquina, ao centro da rua da Rainha, tampava o Castelo dos Almadas. O camarelo municipal demoliu-a. Dos seus escombros resurgem figuras minhas conhecidas. O Plácido, *Entende senhor agora*, era alto e forte como um legionário romano. Sua característica foi o chiste. O Conde do Arco, à maneira feudal, gostava de o ter à sua mesa. Com sua voz de tenor, entoava gracejos e canções, para divertir, divertindo-se. Na sua tabuleta de colchoeiro, tinha pintada a alcunha estribilho: *Entende senhor agora*. Sua companheira, de cabelo rizado e loiro, deu-lhe muitos filhos. Um ror deles! O Mário, a Chiquinha, o Quim, o Jerônimo... Diga o *Zé Entende*, que é vivo, quantos foram; quantos se foram desta vida para a outra.

Na mesma desaparecida casa, foi a oficina do *Candário* sapateiro. Mestre de boa fama e bom proceder. Com certeza Gil Vicente, se ao tempo escrevesse a *Barca do Inferno*, não o tomaria por passageiro. O *Candário* não foi sapateiro remediado e ladravaz. A alpista e bebedouro, fora da sua gaiola-oficina, era no *Cereto* à Porta da Vila.

Lá mesmo morou e se demorou o *Petisqueira*. Mestre de barbear e *bric à brac*. A' sua loja vinham de longe os conhecidos fuinhas das coisas antigas. Demoravam a conversá-lo. Tipo de galileu, na feição da barba e rosto marfinado. Não sabia juntar duas letras. Quando calhava ter alfarrábios para a venda, antes de os meter ao preço, perguntava-me em confidência: — *Será raro?... De que trata?...* Não petiscava nada em letra de forma, o bom do *Petisqueira*.

Aquele casarão brasonado, de face à minha rua e mais à Misericórdia, era o ninho da Dulcineia. O poeta Arnaldo Pereira, de melena farta, envolto em capa estudantina, amoroso, ronda o ninho impenetrável. Janelas corridas e portas trancadas. Noite luarina. Uma serenata que passa: — *Quem me dera ser a hera, Pela parede subir, Para chegar à janela Do teu quarto de dormir*.

Pobre poeta, de botas cambadas, sem vintém. De que te servia o talento? Olhos melancólicos e profundos, miravam, platonicamente, aquela casa brasonada. Um dia, cansado, bateu asas. Morreu, como poeta do Amor, num acento de hospital, em Lisboa. Seus livros — *Lágrimas d'Alma*, *Idmeia* — livros constelados de estrelas, escriptos de jóias líricas, ninguém fala neles.

Aquele vulto enigmático que saía da casa brasonada, envolto em capa à espanhola, feltro na cabeça e óculos escuros, a caminho... do Campo da Feira, era a sombra do poeta.

Na noite imensa do tempo outros tropeiros passam. Abel Moreira, Jesualdo Andrade, Veloso d'Araujo, dedilhavam guitarras e violões. Trovas soltas sobem no espaço. Lá os antevejo, estes e outros do meu tempo, sentados no Padrão da Oliveira. A água da fonte canta na pedra. Do alto caem, batidas no relógio da torre, as horas fugazes da noite. T'que a noite eterna, imensa, fundindo os últimos ecos da serenata, os envolveu para sempre!

Litânias do coro, na igreja da Misericórdia. P.ª Faria, P.ª Assis, P.ª

Saraiva, P.ª Correia, saem do templo, a caminho da botica do Rodrigo velho; mais tarde, por sucessão, do Martins. Ali os esperam, parceiros da jogatina e mais da amena cavaqueira. O P.ª António Veiga, figura austera de sacerdote, capelão da Misericórdia, acolitado ao Lopes, droguita, e mais ao Pedro do Quintal quando não ao Custódio, barbeiro, ao Amaral, brasileiro, tomam rumo da passeata, por trilhos sabidos. Quem do sitio não largava, presos ao baicão, eram o *Zé do Arroz*, o *Zé Rodrigues*, droguita, o Cunha, cereiro. Estava reservado o milagre das suas deslocações à «irmã» Morte, como poética e santamente lhe chamava o «Poverelo» de Assis.

Pelo corredor da Misericórdia surgem-nos o Fortunato e o Zorra. Vestem samarra de sacristias e chapéu de bicos. Tangem campainha. Convocam os irmãos confrades. A' bandeira, quando vinha a irmandade à rua, era certo ver-se uma figura alta, esgançada, com exuberância de cravos no rosto envelhado. Era ali, da papelaria Lemos.

— *Tím... tím... tím...*
Ficou-me no ouvido o som metálico das campainhas que passavam. Tudo mais se foi à cova!

Sim, também o Albino Alemão se me faz presente na memória. Sua loja era cenáculo de pousio. Ora uns, ora outros, à barra da sua loja de modas passavam os *brasileiros* do comércio aposentado: o Martins da D. Rita; o Vicente dos pupilos, Alfredo e Rodrigo; os Sampaio, da Tulha e d'Arçela; o Amaral, que residia no alto da mesma casa. E outros mais, como era esse Caires de Madureira, Petrónio de elegância, a quem o Albino ficou devendo aquela boa partida de se fazer de papo, por *rebate falso*, para o banquete monstro — 32 pratos! —, que o Almeida *Bafarada* oferecia aos amigos em dia de N.ª S.ª da Conceição, mas ficando a chuchar no dedo, pois era falso o convite.

Bem fez o Policarpo, sapateiro de ofício e músico filarmónico, quando nas *Danças dos Estudantes*, em 1906, — danças que eu escrevi e acompanhei — lançou doces para a boca do seu trombone, pendente do braço, lá em baixo, na Casa de Vila Pouca.

Um doutor americano de grande sabedoria, daqueles que, sem engano, estudam do género humano a doura psicologia,

descobriu que o temperamento do homem ou da mulher, seja calmo ou turbulento, se encontra sem fingimento pelas cores que preferir.

Assim, nas regras gerais, se os homens têm por afeito o verde e azul naturais, as senhoras gostam mais do vermelho e do amarelo.

O preto é gosto frequente nas damas e nos barbaços. Por isso é que muita gente, no verão, principalmente, usa óculos fumados.

O branco, nem se afigura uma cor — é falta dela. E assim, a casta brancura é bom sinal de candura que distingue uma donzela.

A rósea cor é na lista de todas a mais mimosa, um regalo para a vista. Gosta, quem for optimista, de ver tudo cor de rosa.

O cinzento não é cor que muitos votos enfeixe, porque ninguém dá valor ao tom neutro, sem sabor, que não é carne nem peixe.

Por aí, de norte a sul, há muito nédio rapaz, que, sendo airoso e tufal, não quer verde nem azul, e gosta só do lilá.

DEMÓCRITO.

Admirável mnemónica a do Policarpo! Um dia quis que eu o ouvisse recitar. Versos? Não. O original mestre de tripeça, metendo no beato um artigo de duas colunas do «Jornal de Notícias», deixou-me sucumbido de espanto perante o potencial retentivo da sua memória de ferro!

Prouvera que a mim me coubesse, por herança, uma tão prodigiosa máquina cerebral. Se essa fortuna me pertencesse, bom uso agora podia fazer, rememorando, trazendo à lembrança e saudade dos tempos idos, os mortos da minha rua.

Porto.
A. L. de Carvalho.

Um jornalista brasileiro dos mais notáveis, Assis Chateaubriand, director de «O Jornal» e dos «Diários Associados», publicou em «Jornal» de 30 de mês passado um belo artigo, subordinado ao título «Energia», que é um tributo de carinhosa admiração pelo nosso país e pela nossa gente.

Transcrevemo-lo na íntegra, limitando-nos a intercalá-lhe alguns sub-títulos.

Não me considero, toda a vez que venho a Portugal, em mundo estranho. Julgo esta terra minha, muito minha, de propriedade tanto do mais exaltado jacobino beirão quanto do mais americano dos homens da Paraíba. E ainda: todas as provas de consideração, de amizade, e mais de fraternidade, que me tributam os portugueses, as recebo como merecidas pelos homens dos «Diários Associados».

Faço o que está ao meu alcance, desde os 17 anos, por infundir nos meus compatriotas um sentimento que deveríamos insufflar-lhes desde a escola: que o Império do Brasil, Portugal e Algarve (e é errado nos chamarmos de República) tem duas capitais metropolitanas: Lisboa e Rio de Janeiro.

Sou, desde ontem, hóspede de uma das capitais do Império luso-brasileiro. Passeio por Lisboa, transito-lhe as ruas, corto-lhe as avenidas, alcanço-me nos seus morros, deço e subo o Chiado, vou e volto ao Estoril, compareço a Cascais, contemplo o Tejo enfático e majestoso, apeio-me nos Jerónimos, fazendo isto tudo naturalmente, como se estivesse no Rio ou na Baía, dentro da minha casa, a palestrar com os meus, a trocar opiniões com cariocas vadios ou baianos ardidos de imaginação e eloquência. E' uma volúpia rever Lisboa, depois de mais de vinte anos, e possuí-la insolentemente, depravadamente, com o coração e os sentidos, qual se ela fora um fruto nosso, um pedaço do feitiço tropical. O que me encanta antes de tudo em Lisboa é o que me esmaga e ensopa em Recife e Porto Alegre: a abundância de água. São as três, cidades anadioménicas.

Era de importância capital que o Brasil ficasse lusitano

Em 1600 e 1700 só tínhamos duas soluções: ou nos isolávamos dentro do Índio (e neste caso não tínhamos nenhuma consciência de nação civilizada, éramos uma terra de botocudos)

visto por um grande jornalista brasileiro

ou nos entregávamos ao português, o qual levava o Novo Mundo a destinos compatíveis com a civilização. A presença de outros europeus com excepção dos espanhóis do Sul ou da Galícia, significava tampões-isoladores do meio. Era de uma importância capital entre os séculos XVI e XVII que ficássemos lusitanos, para que deixássemos de ser: tupis ou não nos tornássemos africanos. Se somos brancos ou mestiços, é porque fomos dominados e colonizados por este povo rústico e de uma penetrante expressão, a fim de se projectar nos trópicos.

Foram os portugueses vítimas de clamorosas injustiças dos seus filhos e netos no Brasil. Atravésávamos, porém, o nosso período de imaturidade, e não tínhamos, nessa fase da vida, ainda a necessária sabedoria para julgar da grandeza da obra de Portugal, no continente latino-americano. Que valia a possibilidade de termos ficado franceses, holandeses ou ingleses se esses três povos foram incapazes de criar no clima tropical, nada que se pareça aos ibéricos, isto é, que portugueses e espanhóis realizaram no Novo Mundo? Vão às Guianas, por caridade, ou às Antilhas britânica e francesa. O que ali existe, são meras colónias de plantação, garantindo alguns senhores feudais os bens patriomoniais de companhias de açúcar metropolitanas.

Como actum os nórdicos, nas zonas tórridas do Equador ou do calor úmido tropical? Estabelecendo a sua supremacia sobre o autoctone ou o negro de importação. Não povoam o país de brancos nem cruzam para produzir os mestiços rústicos adaptáveis ao meio. Afirmam assim, injusta e negativamente, o privilégio que têm de explorar a terra para as necessidades da civilização e soergimento dos colonos associados à sua tarefa.

Um português de nascimento que oferece dois aviões ao Brasil

Como contrário do europeu louro, o lusitano desembarca, toma posse da terra em todos os sentidos.

Assim se fez o Brasil, como uma pátria identificada com as suas condições físicas, integrada numa ambiência racial que não podia ser outra, porque o calor úmido não permitia precipitado diferente.

Há dezasete anos eu tinha um so-

nho, que consistia em conhecer a Amazônia. Foi dado ao meu caro amigo coronel Magalhães Barata realizá-lo, numa plenitude, pela qual lhe fiquei sumamente grato. Faz trinta, alimentava este: visitar Mafra, derramando-me pelos imensos saibos que o génio paisagista do arquiteto alemão Ludovise criou como uma réplica mais pobre a Escúria, porém tão grandiosa quanto a ele.

— «Por que não hei-de levá-lo a Mafra?», — disse-me ontem à noite Sousa Guise, um velho e queridíssimo amigo do Brasil que como eu visita Portugal, seu país de nascimento.

Sousa Guise é o chefe de uma das maiores firmas atacatistas de tecidos do Rio. Tem da raça lusitana as linhas de prestimiosidade e de serviço, que fazem dela uma das gentes de mais elevado timbre social. Somos todos nós, latinos ou latinizados pela cultura, pobres de sentimento colectivo. Vemos a sociedade pelo prisma individual, sempre dissolventemente egoístico, absorventemente egoístico. No português não é uma questão de educação: o espírito de beneficência é um dom do berço. Ele não resiste à ideia de se interessar pela sorte do seu semelhante. Uma metade de Lisboa nova a vi em companhia de Ricardo Espírito Santo. A outra metade na dele.

Na Campanha Nacional de Aviação, Sousa Guise chegou-nos um dia com dois aviões debaixo do braço: um pela firma carioca e outro pela casa de S. Paulo. Quebrava de dois golpes, logo de saída, qualquer possibilidade de indiferença pelo armamento aéreo do Brasil. Imanava-se conosco, com a Força Aérea Nacional, em termos de unidade e de solidariedade. Vivo, aqui em Lisboa, fraternizado com ele e esse claro e límpido Ricardo Seabra, que, se tivesse barba, cada um dos pelos da sua face valeria outros tantos de D. João de Castro. Quando se fala em honradez, dignidade pessoal e inteligência cívica, Ricardo Seabra é paradigma.

Uma visita a Mafra e ao seu Mosteiro

Fomos para Mafra, correndo ao longo da excelente estrada de rodagem que leva de Lisboa a Cascais. Recebiamos o professor Edmundo Vasconcelos, o meu amigo Sousa Guise, o autor dramático Correia Varella, a briosa fresca que sopra do Tejo, saturado de um aroma tão agradável como se viesse do país dos lanjais, na Sicília, ou em Valência. E' esse o doce cumprimento do Tejo aos que têm alma e sensibilidade para amá-lo e compreendê-lo.

Estabelece-se o Tejo, para quantos lhe entendem o papel civilizador, num diálogo melódico, em que a natureza do estuário, que aqui nos defronta, desabrocha em todo o poder das cordas do seu sentimento e das suas frases distantes, que se perdem, no fundo da História. Há torrentes que nos falam pelo seu «charme» exótico. O Tejo é o contrário. Prende-nos pelo que tem de íntimo e de lírico conosco, este viajante adorável, que vem da Espanha, rico de colorido e forma, e se desata com suas explorações pelo Atlântico e pelo Brasil adentro.

Em vez de tomarmos a estrada, que alguns quilómetros, num trecho adiante de Sintra, nos leva a Mafra, perdemo-nos em conversa e fomos até Ericieira. Casamo-nos à orla do oceano, profundo e largo, e não tínhamos coragem de perde-lo. O «chaffeur» do automóvel de Sousa Guise dir-se-ia mortificar-se de saudade por trocar aquela vista inconfundível do Atlântico, excitante neste Verão europeu como um trecho de oceano em Santa Catarina ou na costa fluminense.

Todos nós possuímos a imagem de Mafra: o mosteiro imenso, com 886 salas, 5.200 portas e janelas, duas torres atrevidas, 96 sinos, além de quintos, pátios, terraços, jardins e um zimbrório, que se fica boquiaberto de vê-lo tão grande, tão majestoso, num país tão pequeno e de tão poucos recursos, relativamente, como era Portugal do início do século XVIII. Só o misticismo, aliado à tempera de uma raça de vigor da lusitana, ergueria um monumento desse volume à religião e à arte.

Existem anos, na história de Mafra, como o de 1730, em que trabalharam na sua construção, 45.000 civis e militares, como se o país fosse para a guerra. E não são apenas os 7.000 soldados que o exército oferece para trabalhar no vasto empreendimento, 640 juntas de bois são empregadas

Foi solenemente inaugurada a Capela-Mor da

Nova Igreja de Silvoares

assistindo aos actos o Senhor Arcebispo Primaz e as Autoridades do Distrito

Com a maior solenidade realizou-se no domingo, na freguesia de Silvoares, a inauguração da capela-mor do novo e formoso templo paroquial, tendo tomado parte nas cerimónias, que se fizeram revestir da maior solenidade e de todo o esplendor litúrgico, S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior; Monsenhor Manuel Peixoto, Vigário Geral da Arquidiocese; os Srs. Major Armando Nery Teixeira, Governador Civil do Distrito; Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal e Vereadores João Rodrigues Martins da Costa (Aldão) e Aprígio da Cunha Guimarães; Tenentes Ernesto Moreira dos Santos e Manuel Peres, Comandantes da G. N. R. e da P. S. P.; José Mendes Ribeiro Júnior, Comandante da L. P.; Rev. António de Araújo Costa, Arcipreste; Cónego Alberto da Silva Vasconcelos e muitas outras individualidades, entre as quais elevado número de sacerdotes. As cerimónias começaram de

manhã com a recepção ao venerando Prelado e às Autoridades Civis e Militares, tendo-se procedido à bênção da capela-mor, após o que o Senhor Arcebispo celebrou missa no novo templo.

Durante estes actos fez-se ouvir, com acompanhamento a harmónio, um excelente grupo coral, sob a hábil regência do Rev. Alberto Brás, distinto Maestro do Seminário Conciliar.

A' tarde, às 15 horas precisas, prosseguiram as cerimónias religiosas, com a coroação da formosíssima Imagem de Nossa Senhora da Conceição. O Prelado, que havia retirado para Braga, por motivo de saúde, deixou a substituí-lo o digno Vigário Geral, que presidiu a este solene acto. Monsenhor Manuel Peixoto subindo ao púlpito, que estava colocado à porta do templo, fez uma breve alocução, saudando a Padroeira e congratulando-se com a abertura daquela igreja. Depois, tendo recebido das mãos do Chefe do Distrito a Coroa, procedeu

à sua colocação sobre a cabeça da Imaculada. Nesta altura os sinos repicaram festivamente e ouviram-se salvas de foguetes à mistura com vivas e cânticos fervorosos.

Logo a seguir e presidido pelo Rev. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, figura veneranda da antiga Colegiada de Guimarães, foi cantado um solene *Te Deum*, com que terminaram os actos religiosos.

O templo estava repleto de fiéis e via-se profusamente iluminado, oferecendo um aspecto de rara beleza.

A inauguração dum fonte

As autoridades e os demais convidados dirigiram-se depois para junto da nova residência paroquial (ainda em construção) — um outro e grande melhoramento que está a ser realizado na freguesia de Silvoares — onde se procedeu à inauguração de uma fonte pública, melhoramento de que muito carecia a freguesia. O ilustre Chefe do Distrito foi quem, a pedido do Sr. Presi-

dente da Câmara, tirou a primeira água do fontenário, o que deu motivo a novas manifestações de congratulação.

O Copo d'água na nova residência

Os convidados, em número de algumas centenas, reuniram-se depois num amplo salão da nova residência paroquial, onde lhes foi oferecido um primoroso copo d'água, magnificamente servido pela Pastelaria *Docélia*, desta cidade.

Entre a assistência viam-se pessoas da maior representação social, desta cidade e de outras localidades, numerosos sacerdotes e muitas senhoras que davam ao recinto um aspecto deveras encantador.

No decorrer desta animada reunião produziram-se brilhantes brindes, tendo sido posta em mercêdo relevo a obra do muito digno pároco da freguesia de Silvoares, Rev. António Alberto Ribeiro, sacerdote que reúne as mais belas qualida-

(Conclue na 2.ª página)

No MEU

CANTINHO

Eu já tenho caruncho, meu Confrade!

Trabalhei de 1893 a 94 e vi morrer, ali à beirinha de Ermesinde, o saudoso Colégio da Formiga. Na Formiga ouvi falar-se várias vezes de um talentoso rapazito que não continuara por dificuldades de vida.

Quando em 1895 iniciei o meu afã em Vila Real, no Colégio do eminente Benemérito Dr. Jerónimo, tive o feliz ensejo de ouvir o exame de História do afamado rapazote.

Nesse exame, não sei quem mais me agradou, se o Conselheiro Guilherme no interrogar, se o João de Brito no responder.

Que exame de maravilha!

O Brito fez-se Homem porque encontrou o Mecenas à sua altura.

Com facilidade concorreu à Cadeira Liceal de Português e Latim e oportunamente se formou em Direito.

Honrou o Liceu Camões (quase todos com o *de*) e a Escola em que denodadamente trabalhou.

Mas que faz aqui o Brito? Exige dois goivos no seu coval. Tantos como os dizeres do seu nome.

Pequenino nesse nome, era grande no talento!

As quatro colunas com que a última *Renascença* honrou a nova igreja portuense desmentem algum tanto a longa epígrafe: *A singela história dum grandioso templo.*

Singela a história com minúcias tantas?!

Que beleza de igreja tem o Porto!

G.

no transporte de pedras para as obras dos muros do mosteiro, sua cantaria, inclusive blocos de mármore, onde são esculpidas estátuas gigantescas de dezenas de santos.

A gente fecha os olhos e mal chega a conceber como D. João V, com Portugal tendo já perdido as suas linhas estratégicas, no planeta, e mesmo ajudado pelo ouro das Ceraias, da Baía e Mato Grosso, haja materializado uma quimera destas. Júpiter devera ter endurecido a tempera dos portugueses, para que eles se arremessassem a obra de tal vulto e encontrassem êxito. E' antes de tudo, uma «poussée» telúrica, para a qual o próprio céu não constituía barreiras. Se Portugal é um jardim heróico, a flor da sua coragem tenaz, da sua perseverança no campo místico, é Mafra.

E' com um misto de interesse e afecto pela nossa qualidade de brasileiros que o pintor Aires de Carvalho, conservador de Mafra, se prontifica a nos fazer visitar o mosteiro. São nove horas da manhã, e até meio dia, essa abelha de ouro, que é o chefe do Paço-mosteiro, percorre connosco, perto de três quilómetros de salões e mais salões, catedral, altares, sacristias, torres e pátios.

A defesa e conservação dos monumentos nacionais—uma grande obra

Vê-se, pelos vestígios dos estragos do tempo, o que são as cruzes que marcam o abandono de Mafra, por inúmeros governos. Grande obra da administração do Sr. Salazar, é a defesa dessa peça do património artístico da Península. Com muito menores recursos do que o Brasil, Portugal defende melhor, mais inteligentemente, num raio de acção mais extenso, as obras de arte que os seus maiores lhe deixaram. Dado o volume do mosteiro-paço de Mafra, e o estado de quase ruína a que chegaram internamente, várias das suas peças e alfaias, é singular o que o gosto e a energia dos homens do actual regime lograram ali alcançar, do ponto de vista da restauração daquilo que o abandono devorou.

Se, como diz Ostwald, todas as nossas operações vitais não são senão operações da energia, a arte inclusive, no esforço pela reconstrução de Mafra intertem uma das manifestações do «reveil» do espírito português, tocando nas fontes mais dinâmicas da raça. A renovação deste convento-palácio corresponde a um conceito do rejuvenescimento nacional, ainda que sob as formas de um governo de facto.

CONTRASTES!...

O mundo ralha de tudo

Embora já um pouco afastada da oportunidade, mas porque só agora nos chegou às mãos, transcrevemos do Diário da Capital «A Voz», de 12 do passado mês de Agosto, a seguinte notícia:

«A reconstrução da praça de touros de Guimarães por todos os construtores da região e 500 operários constituirá um verdadeiro recorde de trabalho. Incêndio total a 28 de Julho, primeira corrida a 3 de Agosto. Em seis dias ter-se-á de fazer o trabalho».

Esta notícia foi transcrita no jornal «O Zófilo», do mês de Setembro, com o seguinte comentário:

«E fez-se. Haveria este afã, em vez da praça, se incendiasse o Hospital?!»

Não obstante ignorarmos a intenção do autor do referido comentário, parece-nos, todavia, que se pretendeu pôr em dúvida o sentimento humanitário dos vimezanenses, quando é certo que essa simples incerteza representa falta de justiça para com os mesmos. O que se passou com a reconstrução da Praça de Touros não foi mais do que uma assombrosa demonstração do fervoroso bairrismo do povo de Guimarães e uma notável lição de trabalho, que causou justificada sensação em todo o país. E enquanto uns contemplavam, com grande emoção, o rescaldo do misterioso incêndio, lançando sobre as cinzas fumegantes os olhares da sua tristeza e da sua desolação, outros procuravam estudar o melhor meio de remediar tão trágico e inesperado imprevisto, de forma a que as Festas da Cidade não fossem prejudicadas pelas chamas, ainda incógnitas, do fatídico sinistro. E porque aos vimezanenses nunca faltou o calor do Amor à sua terra nem a força da sua união, quando uma e outra coisa são precisas, e-los em luta aberta contra a casualidade ou a maldade do destino, mobilizando as suas melhores vontades, as suas melhores energias e até o seu próprio sacrifício para que a reconstrução da Praça se tornasse um facto dentro de escassos cinco dias, aqueles que decorriam da data do incêndio à da primeira corrida. E, então, como que um milagre operado através do inextinguível brio dos Vimezanenses, a Praça, totalmente destruída, ergue-se de novo como um exemplo, que ecoou por todos os recantos do país, do quanto é capaz a iniciativa e o dinamismo do povo de Guimarães. Ora, se essa iniciativa e esse dinamismo foram postos à prova mediante a ocorrência do incêndio da Praça de Touros, ninguém deverá duvidar de que, com certeza, o mesmo sucederia se, em vez da Praça, se incendiasse o Hospital. Neste caso e para longe vá o agouro—não se tratava apenas da manifestação do sentimento bairrista, como também da do próprio coração, qualidade esta que se encontra na grande maioria dos Vimezanenses. Portanto, que se dê a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. E se assim for cada um ficará com o que lhe pertence, razão por que o comentário que deu lugar a estas considerações só poderia ser redigido nos seguintes termos:

«E quando houve este afã com o incêndio da Praça de Touros, o que haveria se se incendiasse o Hospital?!» Anos, pelo menos, parecer-nos-ia mais acertado e, sobretudo, mais justo este comentário. Porém, o mundo ralha de tudo, tenha ou não tenha razão!...

A Semana da Mãe

As actividades da Semana da Mãe, integrada na «Obra das Mães pela Educação Nacional», principiaram no passado dia 8, dando-se, assim, continuidade a uma iniciativa de carácter beneficente e educativo, instituída em Portugal há dez anos. Evidentemente, que se trata de uma iniciativa muito simpática e muito digna de todo o carinho e de toda a protecção, mas que, em nossa opinião, não corresponde pelo menos em algumas terras, ao verdadeiro fim que lhe deve ser atribuído. E fazemos esta afirmação, em virtude de alguns factos do nosso conhecimento, segundo os quais somos levados a crer que ainda não existe em algumas pessoas uma noção perfeita sobre a sua utilidade e o seu significado. Há, por exemplo, quem apenas se preocupe com sessões solenes muito espalhafatosas, no decorrer das quais são distribuídos berços e enxovais com certo aparato, isto é, como que se uns e outros fossem destinados a pessoas remediables. Perante essa preocupação, é claro que é consumido muito dinheiro em pouca coisa e, portanto, menor se torna o número das mães contempladas. Ora, se, em vez disso, fossem distribuídos berços e enxovais muito humildes, tão humildes como as pessoas que os recebem, ninguém duvidaria de que esse procedimento estaria mais integrado no objectivo da «Semana da Mãe», sob todos os aspectos da sua função social. E assim terá de ser, para que, de facto, a «Obra da Mãe pela Educação Nacional» se torne bem compreendida em todos os recantos do país, visto que a sua expansão deverá chegar aos mais pequenos aglomerados, pelo menos aqueles onde exista uma Escola primária ou um simples Posto escolar.

X.

Escultor

António de Azevedo

O talentoso Escultor e Director da Escola Industrial e Comercial Francisco de Holanda, Sr. António de Azevedo, acaba de ser nomeado membro da Academia Nacional de Belas Artes. Esta merecida distinção foi, sobretudo, motivada pelo estudo que aquele nosso amigo fez sobre as esculturas do século XVI que no nosso concelho descobriu e que intitulou: «AS ESCULTURAS DE PENCOLO», estudo esse que apresentou, em comunicação, à Academia Nacional de Belas Artes, por intermédio do ilustre Escultor e Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea, Sr. Diogo de Macedo.

As esculturas que se referem àquele estudo e que o Escultor Sr. António de Azevedo descobriu estão ainda em posse do mesmo Artista, o qual tem tomado todas as precauções para evitar a sua saída de Guimarães, sendo de esperar que a Câmara Municipal preste a este assunto a sua melhor atenção.

Ainda recentemente quando da estada em Guimarães do senhor Ministro da Educação Nacional, as referidas esculturas foram mostradas a S. Ex.^a, que muito as admirou.

Congratulamo-nos com a nomeação feita do Escultor Sr. António de Azevedo a quem felicitamos muito sinceramente.

Romaria e Festa de Santa Luzia

Com um formoso dia de sol, realizou-se, ontem, a tradicional Romaria de Santa Luzia, junto da capelinha em que se venera a imagem da milagrosa Santa, na rua de Francisco Agra, tendo havido naquela capelinha missa cantada.

O arraial das «passarinhas», que esteve sempre bastante movimentado, prolongou-se até perto da meia noite, oferecendo o recinto um concorrido aspecto.

A feira de ontem esteve, como nos demais anos, muito animada, tendo-se efectuado avultadas transacções.

*

No templo de S. Dámaso, que ostentava vistosa decoração, realizou-se a anunciada festividade em honra de

Igreja de Silveiros

Conclusão

des aliadas a uma inquebrantável vontade de bem servir, e louvados todos quantos à sua volta se juntaram para prestar-lhe valioso auxílio na obra a que meteu ombros, sem contudo ser notado o desin-



Padre António Alberto Ribeiro

teresse que porventura se tenha verificado da parte de quaisquer pessoas que tivessem obrigação de igualmente colaborar num tão grande melhoramento.

O distinto publicista e nosso querido colaborador e amigo Sr. A. L. de Carvalho, foi quem iniciou a série dos brindes, seguindo-se-lhe no uso da palavra os também nossos queridos amigos Srs. Dr. Artura Anselmo, talentoso Advogado residente no Porto, e P.^o Joaquim de Almeida Ferreira da Silva, ilustrado Reitor da freguesia de Serzedelo, que terminou por agradecer, em nome do Sr. P.^o António Alberto Ribeiro, a comparação de todos os presentes.

Houve desassombradas afirmações, a par da justiça àqueles que tanto trabalharam e tanto continuarão a trabalhar, por certo, até que se conclua a obra magnífica que empreenderam e têm sabido levar a bom termo, lutando embora com muitas dificuldades.

No final do copo d'água o Rev. António Alberto Ribeiro foi muito cumprimentado.

As solenidades foram abrihantadas pela reputada Banda do Pevidem e durante as mesmas ouviram-se várias manifestações festivas que ficaram a assinalar tão grande acontecimento.

Em volta do novo templo viam-se galhardetes e festões, tudo dando ao recinto um aspecto verdadeiramente festivo.

BISPO DE ANGRA

Já se encontra nesta cidade, onde vem passar uma temporada, o nosso ilustre conterrâneo e Venerando Bispo de Angra do Heroísmo, Senhor D. Guilherme da Cunha Guimarães, a quem apresentamos respeitosos cumprimentos.

Aos Senhores Enfermeiros

Pede-nos o enfermeiro Sr. Adriano Campos para comunicar a todos os profissionais de Enfermagem, neste concelho, de que foi nomeado pelo Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem seu Delegado no Distrito de Braga, e de que todos os serviços de secretaria estão montados, provisoriamente, no Sindicato dos Tipógrafos (Secção de Braga), à Rua de D. Paio Mendes, 47-1.^o, para onde todos os interessados devem pedir quaisquer esclarecimentos referentes à sua sindicalização no mais curto espaço de tempo.

Vende-se

Uma encaretadeira de 60 fusos. Informa-se na nossa Redacção.

710

Santa Luzia, a qual decorreu com muito brilho e grande concorrência de fiéis.

O templo conservou-se aberto até tarde tendo sido grande a afluência de pessoas.

O Natal dos nossos Pobres

Continuamos a receber donativos para a subscrição que, na forma dos demais anos, abrimos nestas colunas a favor dos nossos pobrezinhos. Hoje registamos mais os seguintes donativos:

Transporte	2.195\$00	Domingos Cosme B. Vieira	20\$00
Dr. Augusto Luciano Guimarães	20\$00	Francisco Alberto Costa, Porto	50\$00
Anónimo, por alma de seus pais e irmã	50\$00	Paulino Magalhães	20\$00
Hermenegildo Mesquita & Filhos, de Joane	50\$00	Luís Mendes Lopes Cardoso	20\$00
Anónimo	20\$00	D. Maria Emília Azevedo	10\$00
Anónimo	20\$00	Manuel Joaquim Pereira de Carvalho	30\$00
D. Maria Ludovina Ferreira	20\$00	Francisco Correia Lopes Casimiro Soares	10\$00
José Ramcs Camisão	15\$00	Anónimo	20\$00
D. D. S.	5\$00	Albino de Freitas, Fafe, por alma de seu pai	50\$00
António José da Costa	20\$00	Manuel de Freitas, por alma de seus pai e irmão	20\$00
Mendes & Oliveira	20\$00	Anónimo	20\$00
Mende, Leitão & Oliveira	50\$00	Joaquim Alberto César, Lisboa	20\$00
Joaquim Pereira Soares	20\$00	Raul Frazão, Ld. ^a , Lisboa	20\$00
Augusto Joaquim da Silva	50\$00	Reinaldo Pinto de Figueiredo	20\$00
A. Freitas Soares, Porto	20\$00	Manuel da Silva Ferreira	20\$00
António Teixeira de Oliveira	10\$00	Constantino da Costa Lameiras	20\$00
Damião de Sousa Oliveira, Vizela	20\$00	Domingos da Cunha Mendes, Portalegre	5\$00
Domingos Lopes de Barros, Limitada	20\$00	Anónimo	420\$00
P. ^o António Ramos	10\$00	P. ^o Luís Gonzaga da Fonseca	20\$00
Alvaro Penafort, Celorico de Basto	10\$00	Francisco Salgado Formiga	10\$00
Carlos da Silva Pereira, Bairro	100\$00	António Almeida, Porto	20\$00
José Leite de Oliveira	50\$00	Joaquim da Silva Torres, Lisboa	20\$00
Agostinho Martins da Rocha	7\$50	D. Júlia Leonor Pinheiro Machado Cardoso de Meneses	20\$00
Carlos Alberto Cardoso	10\$00	Jerónimo Teixeira de Carvalho	20\$00
António Pádua da Cunha Monteiro	20\$00	Joaquim Ribeiro da Silva	20\$00
R. A.	20\$00	Américo da Cunha Paredes	10\$00
M. S. M.	20\$00	Artur Fernandes de Freitas	50\$00
Anónimo	150\$00	Simão Costa	10\$00
Américo Ferreira	20\$00	D. Rosa de Jesus Ribeiro	10\$00
Ezequiel de Sousa	20\$00	Américo Pinto Salvador, Porto	20\$00
Francisco Laranjeiro dos Reis	20\$00	P. ^o Gaspar Nunes	10\$00
Pedro da Silva Freitas	20\$00	A. A.	20\$00
António Pádua de Magalhães Ribeiro	20\$00	Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira	20\$00
Júlio Carneiro da Silva	20\$00	Domingos da Cunha Abreu, Pevidem	50\$00
Alberto Gomes Alves	50\$00	Anónima, por alma de seu marido	10\$00
Arminda Maria Fernandes	20\$00	D. Júlia Teixeira d'Aguiar	40\$00
20 Arautos de D. Afonso Henriques	50\$00	Fábrica de Pentes do Ribeiinho (a)	100\$00
José Guimarães, Porto	100\$00	Francisco Aguiar	10\$00
Anónimo	20\$00	D. Maria das Dores F. Costa Bastos, por alma de seu pai	20\$00
Joaquim da Silva	20\$00	João Garcia de Almeida Guimarães	20\$00
Manuel da Cunha Machado, Filhos	10\$00	Anónimo	20\$00
Bento Mendes	10\$00	A transportar	5.217\$50
Manuel da Costa Pedrosa A. L. R.	10\$00		
Antal Miguel das Neves, Sobral de Monte Agraço	50\$00		
Domingos Pinto Martins, Porto	50\$00		
Eduardo Leite de Faria, Taipas	50\$00		
José Pinto de Almeida	20\$00		
Rodrigo Fernandes Abreu	20\$00		
Anónimo	20\$00		
Anónimo	40\$00		
Manuel Pereira Maia	20\$00		
João A. Silva Guimarães	20\$00		
Reinaldo Ribeiro	10\$00		
Francisco Macedo	20\$00		
Benjamim de Matos	20\$00		

Foi extraordinariamente concorrida

a Assembleia Geral na Santa Casa da Misericórdia

Esteve extraordinariamente concorrida a Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, realizada no passado domingo em segunda convocação para a eleição da mesa para o triénio de 1948/50.

Não lembra uma Assembleia Geral tão concorrida, o que prova eloquentemente que a Mesa da digna presidência do Professor Sr. Mário de Sousa Meneses tem realizado uma obra que a todos os irmãos satisfaz inteiramente. Isso mesmo se constatou no decorrer da mesma assembleia, na qual o prestigioso Provedor bordou, antes da ordem do dia, algumas considerações acerca das obras realizadas e daquelas que a Mesa tem em projecto para realizar. São estas: construção de uma enfermaria para crianças, substituição da instalação eléctrica existente por outra moderna e em condições de absoluta segurança, montagem de aquecimento no Hospital Geral, etc.

O Sr. Provedor teceu merecidos louvores aos seus colaboradores da Mesa assim como às Irmãs hospitaleiras e ao ilustre Corpo Clínico, pondo em merecido relevo a dedicação com que todos os distintos clínicos vimezanenses servem a Santa Casa da Misericórdia. Em seguida, os Irmãos, que enchiam completamente a sala das sessões e os corredores anexos, votaram por aclama-

ção a proposta apresentada pelo senhor Dr. João Rocha dos Santos, louvando a Mesa da Santa Casa e o seu abalizado corpo clínico pelos altos e relevantes serviços que têm prestado à causa da Assistência no nosso concelho.

Como antes da ordem do dia ninguém mais desejasse usar da palavra, procedeu-se à eleição por escrutínio secreto, segundo o qual se verificou a reeleição da Mesa por elevado número de votos.

Apresentando os nossos cumprimentos à Mesa da Santa Casa da Misericórdia, não podemos deixar de felicitar os vimezanenses pela acertada escolha feita pelos Irmãos da Misericórdia, escolha essa que acima de tudo representa um acto de merecida justiça às pessoas que tão admiravelmente têm administrado o nosso primeiro estabelecimento hospitalar.

Socorro do Natal

Por iniciativa do ilustre Chefe do Distrito, Sr. Major Nery Teixeira, realiza-se na próxima quinta-feira, no Teatro Jordão, um grandioso espectáculo por elementos da F. N. A. T., cujo produto reverte a favor do Socorro do Natal.

FUTEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

Na «Amorosa», o Vitória empatou com o Benfica por 2-2

Perante elevado número de assistentes, jogaram no domingo, no campo da Amorosa, o Vitória e o Benfica, verificando-se como resultado final um empate a duas bolas.

O empate, que bem se amolda ao equilíbrio que a luta patenteou, devia todavia circunscrever-se a um tento, pois os dois últimos marcados, um por cada equipe, no final da partida, só foram possíveis por decisões arbitrárias do juiz de campo, que foi um péssimo elemento e que podia ter transformado o prélio num lamentável acontecimento desportivo. Evitaram que tal se desse o bom senso e a correcção dos jogadores em luta, que por tal motivo se tornaram dignos de louvores gerais.

Na verdade, o Sr. Fonseca Gonçalves, que desde o início não pôde esconder a tendência para prejudicar o Vitória, a certa altura perdeu o chapéu e fartou-se de fazer disparates, acabando por prejudicar os dois contendores, cometendo para o final do encontro autênticas tropelias.

A sua deplorável conduta suscitou exaltação na assistência, alguma da qual, digamo-lo francamente, também se excedeu, ouvindo-se por vezes injúrias e imprecações bem condenáveis. Mas tudo isto, que é muito lamentável, e o mais que felizmente não sucedeu, se teria evitado, se o Sr. Fonseca Gonçalves não se tivesse desviado do caminho da rectidão e da justiça. Assim, semeou ventos, e ia colhendo um tremenda tempestade...

Os grupos: **Vitória** — Machado, Garcia, Costa, Luciano, Curado, José Maria, Alexandre, Miguel, José Briosso, Alcino e Francim. **Benfica** — Rogério, Cerqueira, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsénio, Júlio, Corona e Baptista.

Que ironia!

O encontro teve todas as características de uma verdadeira luta de campeonato, e o Vitória podia, se os homens do seu ataque tivessem sido mais expeditos e certos a atirar à baliza, ter resolvido a questão a seu favor na primeira parte, pois conquistou vantagem territorial e dispôs de oportunidades para o fazer. Mas não aconteceu assim, e o Benfica na metade final cotou-se com direito ao empate, pois na vintena de minutos inicial, fazendo alarde da sua maior experiência, chamou a si abertamente o comando do jogo, obrigando os donos do terreno a defenderem-se com unhas e dentes como sói dizer-se. Depois o Vitória voltou a crescer de novo, mas o empate, quanto a nós, foi o mais justo desfecho do encontro.

A primeira parte terminou com os vimeanenses em vencedores por 1-0, ponto feito por Briosso aos 28 minutos. Na segunda parte o Benfica desempatou, no primeiro minuto de jogo, por Espírito Santo, pondo-se em vencedor aos 35 minutos, por Arsénio, voltando, porém, o Vitória à igualdade três minutos depois, resultante de uma grande penalidade, transformada por Alcino.

No Vitória, a linha média não deu cabal conta da sua missão. José Maria, que pareceu, e a quem o futebol vimeanense deve assinalada dedicação a par de muitas tardes de glória, já não dispõe daquela ligeireza de movimentos que são arma imprescindível

vel num jogador de futebol. A idade não perdoa; e, assim, aquele que foi um dos mais brilhantes jogadores do Vitória de todos os tempos, nado e criado em Guimarães, já não pode emprestar à equipe, apesar de todo o seu saber e boa vontade, a energia e o vigor de que ela carece. O futebol é jogo da juventude... Curado, parece que algo adoentado, não jogou com aquela vivacidade que o caracteriza e Luciano, que foi o mais normal, também não atingiu grande craveira, mas para isso contribuiu sem dúvida o ter sido prostrado, na primeira parte, por uma bola que lhe bateu em cheio na cara, violentamente chutada por Curado. Na defesa, Machado continua a afirmar a sua indiscutível categoria, executando um punhado de defesas magistrais. Garcia e Costa, sem brilhantismo, mas muito úteis. Na frente, a asa esquerda, constituída por Franklin e Alcino, foi a que mais se notabilizou. Mas todo o ataque se movimentou bem, pecando apenas por pouca decisão a atirar à baliza.

No Benfica veio ao de cima a experiência e a combatividade de alguns elementos, destacando-se em tais pormenores Francisco Ferreira e Moreira. Os defesas mostraram-se despatchados e seguros, mas o guarda-redes revelou muito pouco avontade. Se tem sido mais experimentado, por certo levaria que contar... No ataque, Júlio, Espírito Santo e Arsénio foram os mais notados.

Os grupos: **Vitória** — Machado, Garcia, Costa, Luciano, Curado, José Maria, Alexandre, Miguel, José Briosso, Alcino e Francim. **Benfica** — Rogério, Cerqueira, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsénio, Júlio, Corona e Baptista.

Que ironia!

J. G. F.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 15, mademoiselle Maria de Oliveira de Campos de Sousa Guise, filha do nosso prezado amigo sr. Tenente Alvaro Martins de Campos; no dia 18, o nosso bom amigo e conceituado industrial no Pevidém sr. Alfredo Lopes Correia; no dia 20, os nossos prezados amigos srs. Dr. José Maria de Castro Ferreira, distinto clínico, e Luis Cândido Lopes; no dia 21, o nosso prezado amigo sr. Armando Andrade.

«Notícias de Guimarães», apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 19 completa 11 primaveras a menina Maria da Graça, filha do nosso bom amigo sr. António José da Costa. Parabéns.

Delivranças

Na sua residência particular, na rua de Cedofeita, da cidade do Porto, teve a sua delivrança, dando à luz uma interessante criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Aurora Guimarães Faria e Portela, esposa do sr. Engenheiro cartográfico José Augusto da Costa Portela, neto do sr. Joaquim de Faria e da sr.ª D. Aurora Luzitana Gonçalves Guimarães Faria, e bisneta do sr. Francisco Gonçalves Guimarães e da sr.ª D. Luísa Gonçalves Guimarães, residentes na casa de «Vila Aurora», Covas. Muitos parabéns.

Também teve a sua delivrança, dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso amigo sr. Damião Dias de Sousa. Parabéns.

Partidas e chegadas

Almirante Sousa Ventura — Esteve,

há dias, nesta cidade, o nosso querido Amigo e ilustre Conterrâneo sr. Almirante António Garcia de Sousa Ventura.

Deram-nos o prazer da sua visita os nossos bons amigos srs. P.º Dr. Francisco de Melo, ilustre Abade de S. Pedro da Raimonda; Domingos Pinto Martins, do Porto e Eduardo Leite de Faria, das Taipas.

Tivemos o prazer de cumprimentar, há dias, nesta cidade, os nossos queridos amigos srs. A. L. de Carvalho, distinto publicista e nosso distinto Colaborador e Dr. Artur Anselmo, talentoso advogado, residente no Porto e antigo director do nosso brilhante colega «Jornal de Monção».

Acompanhado de sua esposa, esteve, no domingo, nesta cidade, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Arnaldo de Sousa Guise, residente no Porto.

Esteve, nesta cidade, o ilustre sacerdote e nosso distinto Colaborador sr. P.º Domingos José da Costa Araújo.

De Monfortinho regressou a S. Romão de Mesão Frio o nosso prezado amigo e distinto pároco da mesma freguesia, sr. P.º João de Oliveira.

Regressaram de Beja os nossos prezados amigos e estimados sacerdotes srs. P.º Joaquim de Almeida Ferreira da Silva, Reitor de Serzedelo; P.º Horácio de Araújo, Abade de Ronfe; Monsenhor Domingos da Silva Gonçalves, Director das Oficinas de S. José e P.º António de Barros.

Esteve, nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. Dr. Gaspar Gomes Alves, Secretário da Câmara Municipal da Feira.

Tem estado nesta cidade o nosso bom amigo sr. Joviano Ramos Comisso, Tesoureiro de Finanças de Serancelhe.

Cumprimentámos, nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. J. Tinoco, de Lisboa.

Deram-nos há dias o prazer da sua visita os nossos prezados amigos srs. J. Bastos Monteiro e António Pedrosa, activos e estimados Inspectores da Companhia de Seguros «Garantia», que têm estado em Guimarães em serviço profissional.

Deu-nos também o prazer da sua visita o nosso prezado amigo e distinto Professor sr. Abel dos Santos, do Porto.

Doentes

Operação — No Hospital da Misericórdia foi submetido a melindrosa operação o nosso prezado amigo sr. Salvador de Araújo Dantas, a qual decorreu com êxito. Felizmos e desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Tem passado doente, embora se encontre já bastante melhor dos seus padecimentos, o nosso prezado amigo sr. Armindo de Freitas Lima, conceituado industrial em Lordelo.

Continua a sentir sensíveis melhoras o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. Alfredo Feizoto.

Desejamos o mais breve restabelecimento dos enfermos.

Baptizado

No dia de Nossa Senhora da Conceição baptizou-se solenemente, no templo da Misericórdia, que serve de paróquia da freguesia de S. Paio, o primogénito do sr. dr. Abel de Campos e Matos e de sua esposa a senhora D. Maria José de Cintra Penafort Matos, que recebeu o nome de Parclidio.

Parainfirmaram o acto, o sr. dr. Parclidio de Matos, ilustre Advogado em Fafe, e a avó materna a sr.ª D. Maria da Conceição de Cintra Penafort.

Pedidos de casamento

Pelo sr. Augusto Correia de Abreu, industrial em Delães, e sua esposa a sr.ª D. Antonia Pinto Correia, foi pedida em casamento, para seu filho o sr. Albino Augusto Correia de Abreu, a menina Maria Cândida F. de Magalhães, gentil filha do estimado industrial de Moreira de Cónegos e nosso prezado amigo sr. João Pereira de Magalhães e de sua esposa a sr.ª D. Laurinda Ferreira de Magalhães, devendo realizar-se, em breve, o auspicioso enlace.

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

O nosso prezado amigo sr. Francisco José da Silva Guimarães, no dia 1 de Dezembro pediu em casamento para o seu enteado, o também nosso amigo, considerado proprietário e negociante sr. José Pereira Marinho, a mãe da gentil sr.ª D. Maria de Lourdes Lopes, natural de Lamego, devendo o enlace realizar-se brevemente.

Antecipadamente desejamos aos simpáticos noivos muitas felicidades.

No dia 8 do corrente foi pedida em casamento para o sr. Fernando A. de Azevedo Mavigné Barbot Ferreira da Costa, filho do sr. Júlio Manuel Ferreira da Costa, já falecido, e da sr.ª D. Joana Barbot de Azevedo Mavigné Costa, do Porto, a gentil menina Maria Amélia Pereira Fernandes, nossa conterrânea, filha do nosso bom amigo sr. Manuel Martins Fernandes Guimarães e de sua esposa a sr.ª D. Maria da Madre de Deus Pereira Mendes Fernandes, devendo realizar-se em breve o auspicioso enlace.

O pedido foi feito pela mãe do noivo. Aos noivos, que são possuidores de admiráveis prediços aliados a uma esmerada educação, desejamos desde já as maiores venturas.

Casamentos

Na igreja paroquial de Urgezes consorciaram-se, na passada quinta-feira, o nosso prezado amigo sr. José Ramos Martins Fernandes, filho do nosso

MÓVEIS E DECORAÇÕES

ALPIMENTA

VISITEM Vossas Excelências as novas instalações dos Armazéns de Móveis da CASA ALBERTO PIMENTA MACHADO onde há mobílias para todos os preços.

Arte! Bom gosto! Construção garantida!

RUA DE GIL VICENTE GUIMARÃES

676

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21 horas

Amanhã e terça-feira, 16, às 21 horas

APRESENTA:

Um grande filme musical português:

CAPAS NEGRAS

Uma história de amor bem português, com: AMÁLIA RODRIGUES — a princesinha do fado — ao lado de ALBERTO RIBEIRO, SACRAMENTO e outros.

Quarta-feira, 17, às 21 horas:

O fenómeno do ilusionismo

Professor CONDE D'AGUILAR

Um espectáculo cheio de novidades e maravilhas.

Sexta-feira, 19, às 21 horas:

A história de um grupo de aviadores que, aprisionados pelos nipónticos sofrem os maiores horrores.

UM PUNHADO DE HERÓIS

Este surpreendente filme tem, no seu elenco, artistas consagrados, como: DANA ANDREWS — RICHARD CONTE — TRUDY MARSHAL, etc.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Vida Católica

De luto

Pelo falecimento de seu sogro e cunhado, encontram-se de luto, respectivamente, o nosso prezado amigo Sr. José Francisco Rosas Guimarães, distinto Vereador Municipal e Presidente da Junta de Turismo das Taipas e a Sr.ª D. Margarida de Carvalho Crato.

Apresentamos-lhes o nosso cartão de condolências.

Aniversário fúnebre

Passando no dia 15 o 20.º aniversário do assassinato do Sr. Luis Ribeiro Pousada, que foi gerente do Banco Nacional Ultramarino, nesta cidade, sua família manda celebrar uma missa, por sua alma, naquele dia, às 8.30 horas, na Basílica de S. Pedro e convida a assistirem ao religioso acto as pessoas das suas relações.

Diversas Notícias

20 Arautos de D. Afonso Henriques

Não tendo o Grupo Recreativo «20 Arautos de D. Afonso Henriques» comemorado, este ano, como projectara, a data do 1.º de Dezembro, resolveu a sua Direcção distribuir, pela seguinte forma, a importância angariada para as despesas a fazer com a referida comemoração: Asilo de Santa Estefânia, 300.000; Albergue de S. Crispim, para a Ceia de Natal dos Pobres, 60.000; imprensa, para os seus pobres, 120.000, para serem distribuídos por ocasião do Natal.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato.

Liceu Martins Sarmento

Foi nomeado oficial da 3.ª secção da Secretaria do Liceu de Martins Sarmento, o nosso prezado amigo Sr. Ricardo Vieira de Amorim Júnior, a quem felicitamos.

Garrafas Vazias VENDEM-SE. Falar na Rua da Liberdade n.º 29 — GUIMARÃES.

José Rodrigues Ferreira

HORTICULTOR

Casa da Lomba — Cabouco — Coimbra

Encarrega-se da plantação de oliveiras com todos os requisitos da nova técnica, assim como todas as plantas de fruto.

Pode ser procurado em Guimarães, na PENSÃO LOPES, à «Porta da Vila».

O amor à Terra e à Grei,
eis o nosso lema.

Uma Revolução em PORTUGAL

De há uns meses a esta parte, Portugal vive em pleno estado de revolução. Não uma daquelas revoluções latentes de que todos falam e que ninguém chega a ver, em que os beijos fervilham, com larga cópia de informes — apreensões de armamento, prisões, perigos eminentes que todos, mais ou menos, vão afinal esconjurando, sem necessidades de grandes reboliços; mas de uma autêntica revolução, com factos palpáveis, visíveis, apreciáveis por toda a gente e que a toda a gente vem atingindo — uma revolução de que todos podem falar abertamente, sem incorrer no perigo das sanções aplicáveis aos boateiros. A revolução a que me refiro é de carácter económico. O barateamento da vida! Eis a mira de toda uma população de seis milhões de alma — só me refiro ao Portugal continental — o sonho das donas de casa, dos chefes de família, de todos aqueles sobre cujos ombros pesou durante anos o fardo das incertezas de um dia de amanhã que ninguém em parte alguma do globo soube, durante esses anos, imaginar como fosse.

Esta revolução na vida portuguesa, mais importante do que uma revolução com bombas e distúrbios, vem responder a muitas objurgatórias que, incessantemente e a propósito de tudo, pesam sobre alguém a quem, de facto, muitas vezes não cabe a menor responsabilidade nas faltas e dificuldades de que a população, angustiada e aliás com bem duras razões, frequentemente se queixa.

Entre o povo há certamente a tendência para atribuir à administração pública a causa de todos os males que a afligem. Até os fenómenos atmosféricos, as malignidades do clima assumem a maior parte das vezes significação política. Há inundações? A culpa é do Governo que não deu providências para salvar as colheitas e evitar os prejuízos. Devia ter feito a tempo barragens no leito dos rios, para que não alagassem os campos em volta. Dardreja, pelo contrário, sobre as terras de cultura a inclemência causticante de uma seca de meses seguidos, em que Deus não manda nem a bção de uma gota de água?... Como não previu o Governo uma calamidade dessa ordem?... Porque não obviou a tempo e horas aos inconvenientes dessa desgraça que levou a miséria e a fome a tantos lares, a tantas povoações, a tantas cidades — ao mundo inteiro, afinal?... O Governo, é sempre o Governo que tem a culpa de tudo.

Depois vêm os homens das ideias. «Eu, se fosse ministro fazia isto e fazia aquilo». «Se um dia governasse, havia de proibir que se vendesse assim, que se comprasse assado, que se exportasse este género, que se importasse aquele outro...». É neste delírio de afirmações em condicional, vão indo até ao infinito. Se lhes entregassem as rédeas da governança pública, faziam tudo, tudo conseguiam até o milagre da multiplicação dos pães e da transformação da água em vinho das bodas de Caná.

O pior é que estes assuntos não se resolvem com palavras e entre nós só se resolveram na verdade, quando, no lugar delas, começaram a aparecer os factos.

Assim, não de repente, como por sortilégio de varinha mágica, mas gradualmente e a passo seguro, a fruta, o peixe, a carne, as batatas e outras coisas começaram a baixar e a chegar ao alcance dos que, durante anos, só de tradição as conheciam. E a hidra do mercado negro começou a ser amputada em várias das suas múltiplas cabeças.

Havia, além dos géneros alimentícios, outros problemas a resolver. E os que do mesmo modo, vão sendo, pouco a pouco, resolvidos. A gasolina baixou, para permitir a consequente baixa dos transportes. E o vestuário — tormento e encantamento das mulheres — passou a oferecer possibilidades de aquisição que a todas permitiram (souvent femme varie...) renovar com gosto e pouca despesa, o guarda-roupa já no fio.

Ora digam-me se isto não tem qualquer coisa de um verdadeiro milagre realizado neste jardim lusitano, plantado à beira do Atlântico, nesta hora de paz sem tranquilidade, em que por esse mundo de Cristo o pensamento dominante é o de fazer frente ao espectro da fome que, como uma nuvem ameaçadora, enegrece os horizontes de todos os cantos do globo.

No meio de tudo isto há, no entanto, ainda os descontentes, os cépticos, os derrotistas de alma amarga e maldicente, para quem tudo isto vai mal, que acham sempre que as coisas vão melhor lá fora, onde julgam que tudo isto já se refez, que todas as feridas se curaram, que tudo, enfim, já caminha em maré de rosas, após o naufrágio em que a humanidade se afundou.

casa, para fazerem as compras diárias, quase têm de levar um carrinho de mão para transportarem as notas de milhares de liras com que se adquirem.

E assim, pouco mais ou menos, por toda a parte. Os estranhos, os oriundos desse decantado lá fora que enche de teias de aranha a cabeça de tanta gente cá de dentro, esses, pelo contrário, como conhecem de perto as agruras dos seus países, curvem-se reverentes perante esta feliz realidade que permitiu em Portugal uma descida de preços das coisas mais necessárias, ao passo que por toda a parte esses mesmos preços sobem no dizer de Beniamino de Ritis, que entre nós passou alguns anos e que, uma vez regressado ao seu país, sobre nós se pronuncia em «Illustrazione Italiana».

O sulgo Jean Troesch, vindo a Portugal para assistir ao primeiro período das festas centenárias, publica no «Journal de Geneve» um artigo sobre as nossas Perspectivas económicas e financeiras que é um verdadeiro hino de louvor à obra do Senhor Ministro da Economia. E na «Dépêche Marocaine», de Tanger, liam-se ainda não há muito umas considerações subordinadas ao título O Governo português contra o mercado negro, reveladoras de quanto nesse departamento da dominação francesa se sabe reconhecer como para os grandes males há só os grandes remédios.

Meditemos um pouco sobre o que já se conseguiu e tenhamos fé no que ainda se há-de alcançar, se Deus quiser. Mas tenhamos sobre tudo confiança no futuro, porque — esqueçame diz-lo — segundo os informes que chegam até mim, a revolução... continua.

Oliva Guerra.

Entrepasto Fabril de Curtidos de Guimarães, Limitada

SEDE EM GUIMARÃES

Faz-se público que por escritura de 4 de Dezembro do corrente ano, lavrada pelo notário desta cidade e comarca, Dr. Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas, foi dissolvida a sociedade acima mencionada.

Secretaria Notarial de Guimarães, 5 de Dezembro de 1947.

O Ajudante da Secretaria,
706 **Martinho da Silva.**

DESAPARECERAM

Uma cadela branca, que dá pelo nome de *Pomba*, e um cão, filho da mesma, que dá pelo nome de *Danúbio*. Pertencem a Domingos de Freitas Mata, do lugar do Rio Selho, freguesia de Creixomil, o qual a todo o tempo procederá contra quem os retiver. 708

Explicações

Dão-se explicações para o 1.º Ciclo do Liceu e para todos os anos do curso comercial.

Informa-se na nossa Redacção. 709

De S. Torcato

Dezembro, 8 — Realizou-se nesta freguesia, com o maior luzimento e brilhantismo, a solenidade da Coroação de Nossa Senhora, nos dias 6 e 7 do mês em decurso.

Assim, no pretérito sábado, dia 6, e pelas 20 horas, saiu uma magestosa procissão de velas da Paroquia desta localidade, Igreja esta de alto valor e que bem merecia a honra de Monumento Nacional, quer pelo traçado da sua construção, quer pelo característico estilo românico que tanto a distingue e do gótico.

Sem exagero podíamos afirmar que para cima de duas mil pessoas se incorporaram na procissão que da Matriz se dirigiu ao imponente Mosteiro de S. Torcato, entoando cânticos religiosos à Virgem Santíssima, Padroeira de Portugal.

Em seguida proferiu o Rev. P.º Benjamim Salgado uma eloquente oração ao novo Grupo de Escutas, focando magistralmente as virtudes do Herói e Santo Frei Nuno de Santa Maria, Exemplo e Guia do Amor de Deus e do Amor da Pátria. Exemplificou com desassombro e fluente dicção as responsabilidades que cabem ao jovem escuta — esperança da Igreja e da Pátria.

FERRA & PASSOS, L. DA

SEDE EM GUIMARÃES — Rua de Camões, 28-1.º

STAND EM BRAGA: 619

Avenida Marechal Gomes da Costa, 117

AGENTES NO DISTRITO DE BRAGA

dos Automóveis e Camions "Renault" e AGENTES nos Distritos de Braga e Viana do Castelo dos Automóveis "Nash".

Círculo de Cultura Musical

Damos em seguida a continuação dos senhores associados:

Casimiro Martins Fernandes, D. Maria do Céu Teixeira Martins Fernandes, D. Maria Mafalda Teixeira Martins Fernandes, D. Maria Carolina Teixeira Martins Fernandes, Amadeu José de Carvalho, D. Maria Madalena Carvalho Jacinto Nunes de Sá, Dr. Daniel Nunes de Sá, D. Judith Augusta da Costa Carvalho, D. Maria Arminda Magalhães Pinheiro, Egidio Alvaro da Costa Pinheiro, Fernando Setas, D. Maria Alice Teixeira Setas, Luis Tropa Ramos, Engenheiro Alberto Ribeiro da Costa Guimarães, D. Brünhilde Rosa Costa Guimarães, Padre Joaquim Novais, José Neves Correia Gomes, Guilherme Freitas, D. Adelina de Freitas, Dr. João António de Almeida Júnior, Dr. João Afonso de Almeida, Joaquim José de Freitas Lemos, Fimalício; D. Ofélia Lopes de Freitas Correia, D. Maria Lopes de Freitas Correia, Alberto Lopes Correia, Dr. Alexandre Brandão Veiga, Celorico de Basto; D. Maria Inez Martins Fernandes Ribeiro, Dr.ª D. Maria José de Moura Machado, D. Rita de Moura Machado Maltieira, João Jorge Maltieira, D. Olinda da Costa Reis Oliveira e José Dias de Oliveira, Fimalício.

PROBLEMA DA HABITAÇÃO

Com a costumada solenidade inauguraram-se, no domingo, mais duas casas mandadas edificar pela Cooperativa "O Problema da Habitação", com sede no Porto, destinadas a os novos e elegantes prédios aos associados Srs. Domingos da Cunha Abreu e José de Freitas.

A primeira casa fica situada na freguesia de S. Jorge do Selho (Pevide) e a segunda na Avenida Duarte Pacheco, desta cidade.

Do acto da inauguração presidiu o Sr. Engenheiro Costa Marques, Director da Cooperativa, assistindo diversos associados e o representante em Guimarães Sr. Aníbal Dias Pereira, tendo usado da palavra aquele Director que pôs em relevo o valor da Cooperativa de cuja direcção faz parte.

Festa de Nossa Senhora da Conceição

No dia 8 de Dezembro realizou-se na freguesia das Vitória das Dóras, Ponte do Lima, uma festa a Nossa Senhora da Conceição, com o seguinte programa: de manhã, Missa Cantada e Exposição do Santíssimo; de tarde, Encerração, Benção e Sermão.

Festa em honra de S. Dâmaso

Este o programa da Festa em honra de S. Dâmaso, Patrono do Grupo N.º 6 (S. Dâmaso), do C. N. E., que hoje se realiza:

Na igreja de S. Dâmaso, às 8 horas, Missa, Comunhão Geral e Promessa Solene de novos Lobitos e Escutas. No final haverá desfile em direcção à Sede de S. Sebastião, aonde se hasteará a Bandeira Nacional.

Às 11 horas, Romagem ao Cemitério pelas Unidades em Festa.

Às 21.30, No Salão de Festas de S. Sebastião haverá uma Sessão Solene, em que será orador oficial o nosso Secretário Regional, Sr. António dos Santos Palha.

Jordão, Pereira & Companhia, Limitada

Sede em Guimarães

Faz-se público que por escritura de 17 de Novembro corrente lavrada nas minhas notas, José Pereira cedeu à sociedade acima referida a cota de 1.250\$ que nela tinha, autorizando que o seu nome continue a figurar na firma social.

Secretaria Notarial de Guimarães, 19 de Novembro de 1947.

O Notário, 711
Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.

VENDE-SE

Camionete de carga, nova, marca COMMER, de tractor, carroçada de novo, para 12.000 quilos de carga. Preço de ocasião. Facilita-se o pagamento. Informa esta redacção. 699

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO Éditos de 20 dias

(2.ª publicação)

Pela 1.ª secção da secretaria judicial desta comarca correm éditos de vinte dias, nos termos do artigo 864 do Código do Processo Civil, citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias, a seguir aos dos éditos, que começa a correr após a segunda publicação do respectivo anúncio no jornal desta localidade, deduzirem os seus direitos nos autos de divisão de causa comum em que é autor Augusto Pereira de Castro, solteiro, maior, proprietário, do lugar de Calvos da freguesia de Serzedelo, desta comarca, e são réus José Pereira de Castro e mulher Ana Fernandes Ribeiro, Avellino Pereira de Castro, solteiro, maior, Rosa Ribeiro Carneiro, solteira, maior, todos do referido lugar de Calvos, da freguesia de Serzedelo, e Ana Ribeiro Carneiro e marido Eurico Ribeiro de Sousa Sampaio, do lugar da Quintinha, da mesma freguesia, acção essa que corre por apenso aos autos de inventário orfanológico por óbito de Maria de Castro, viúva, moradora que foi naquele lugar de Calvos, da freguesia de Serzedelo.

Guimarães, 2 de Dezembro de 1947.

O Juiz de Direito,
Lobo e Silva.

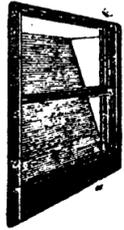
Verifiquei a exactidão. 706
O Chefe da 1.ª Secção,
António Vitorino de Queiroz.

Guarda-Livros

Ainda empregado, muito competente, deseja colocar-se em casa de grande movimento. Resposta à redacção ao número 696. 696

Lido e propagal «Notícias de Guimarães»

ARLUZ



Agentes:—

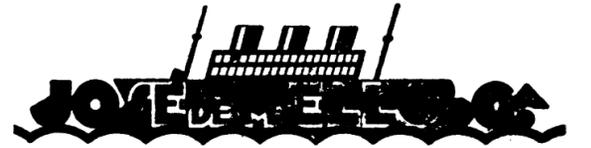
SOUSA & FERREIRA, L.ª

Largo 28 de Maio

GUIMARÃES

CAMIONAGEM

Transportes de Carga e Mudanças BARCAGENS e Despachos AGENTES TRANSITÁRIOS



Casa fundada em 1888

RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67

PORTO

Telefones 21078 e 21074 e Estado 57

CORREIO Apartado 12

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anejo: ARMAZÉM DE MERCERIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

JOALHEIROS FABRICANTES

Ferra & Irmãos, Limitada

Com as suas instalações na Rua de Camões, 28-1.º-DI.º, executam nas suas oficinas de maneira insuperável, com esmero e escrupulo, os mais difíceis trabalhos de **Ourivesaria e Joalheria.**

Se V. Ex.ª pretende possuir algum objecto do nosso FABRICO, entre outros, anéis para homem e senhora, brincos, alfinetes e broches, não deixe V. Ex.ª de visitar o nosso escritório aonde apreciará numerosos trabalhos aos melhores preços.

ORIENTE

SALÃO DE ALTA COSTURA

Rua Ramalho Ortigão, 34-1.º-Esq.º

PORTO

Participa às suas Ex.ªs Clientes, desta cidade, que abriu a estação de inverno com uma luxuosa colecção de Modelos de PARIS e BARCELONA e criações da sua «primière» **Maria do Céu.** 670

PRECISA-SE Anunciar no

Viajante para Armazém de «Notícias de Guimarães» Fazendas Brancas. Informa esta Redacção. 698 é fazer uma boa propaganda.